

## Memórias subterrâneas no documentário *Cidadão Boilesen*<sup>1</sup>

Guilherme POPOLIN<sup>2</sup>

Ana Paula Silva OLIVEIRA<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

### RESUMO

As memórias subterrâneas resistem ao tempo até o dia em que possam emergir no espaço público. O documentário *Cidadão Boilesen* (2009), analisado neste artigo, revira a história ao tratar do financiamento empresarial à repressão do período ditatorial no Brasil. Henning Albert Boilesen é apontado como um dos grandes empresários por trás da Operação Bandeirante (OBAN), que instrumentalizou a tortura em presos políticos. A análise é sob as perspectivas de Michael Pollak, Andreas Huyssen e Tzvetan Todorov.

**PALAVRAS-CHAVE:** memória subterrânea; Cidadão Boilesen; ditadura; financiamento empresarial.

### 1 Introdução

Nomes de ruas, escolas e monumentos em homenagem aos militares e cidadãos relacionados com a ditadura militar no Brasil são resquícios do golpe de 1964 por todo o país. É a contradição que permeia a história recente brasileira: a adulação e visibilidade àqueles que mataram e torturam, varrendo as vítimas e suas memórias para a clandestinidade.

Para os militares, eles foram vitoriosos por salvaguardar a democracia brasileira quando ela estava ameaçada. Mais de 30 anos se passaram desde o fim na ditadura militar no Brasil (1964-1985). Quase 40 anos se passaram desde a aprovação da Lei da Anistia (1979)<sup>4</sup>. Após todo esse tempo, o período sombrio dos anos de chumbo ainda está coberto por um manto formado por mitos e assuntos obscuros. A Comissão Nacional da Verdade (CNV)<sup>5</sup>, instituída por meio de uma lei sancionada em 2011, pela presidenta

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Mestrando do Mestrado em Comunicação da UEL, email: gpopolin@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Mestrado em Comunicação da UEL, email: oliveira.or.anapaula@gmail.com.

<sup>4</sup> Lei da Anistia. Fonte: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6683.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6683.htm). Acesso em 22 de fevereiro de 2016.

<sup>5</sup> Comissão Nacional da Verdade. Fonte: <http://www.cnv.gov.br/>. Acesso em 22 de fevereiro de 2016.

Dilma Rousseff, descobriu nomes e oficializou informações, apresentados no relatório final, entregue em 2014, até então escondidos na memória de testemunhas e vítimas.

Parte dos empresários brasileiros apoiou o golpe de 1964, que deu início à ditadura. Exemplo clássico é a Marcha da Família com Deus pela Liberdade que tomou as ruas de São Paulo, em 19 de março de 1964, e ajudou a legitimar a deposição do presidente João Goulart. A marcha foi financiada pela elite empresarial-militar que queria derrubar Jango<sup>6</sup>.

A contribuição e financiamento empresarial, antes e durante o período ditatorial, foram abordados na CNV, mas pouco se fala do assunto nas mídias tradicionais. Muitas empresas – de inúmeros ramos – ainda são comercialmente ativas. Henning Albert Boilesen (1916-1971) foi um empresário dinamarquês, radicado no Brasil, em São Paulo (SP), considerado um dos líderes civis no apoio à ditadura. Ele é o personagem título do documentário *Cidadão Boilesen* (2009), 92 minutos, do diretor Chaim Litewski<sup>7</sup>.

**Figura 1** – Henning Albert Boilesen



**Fonte:** Cidadão Boilesen (2009)

O filme foi idealizado a partir de inquietações e pelo interesse do diretor pela figura de Henning Albert Boilesen. O clima de impunidade levou o diretor a trazer o assunto à tona, já que os torturadores de outras ditaduras da América Latina passaram por

---

<sup>6</sup> Golpe de 64: 'Marcha da Família com Deus pela Liberdade' completa 50 anos; saiba quem a financiou e dirigiu. Fonte: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/reportagens/34445/golpe+de+64+marcha+da+familia+com+deus+pela+liberdade+completa+50+anos+saiba+quem+a+financiou+e+dirigiu.shtml>. Acesso em 21 de fevereiro de 2016.

<sup>7</sup> Chaim Litewski nasceu no Rio de Janeiro, em 1954. Graduado em cinema na Polytechnic of Central London na Inglaterra, trabalhou para a TV Globo (Brasil), Channel Four / BBC (GB), RAI (Italia), CBC (Canadá), NBC (EUA) e RTP (Portugal). Atualmente é o chefe do departamento de TV nas Nações Unidas (ONU) em Nova York, onde realiza trabalhos como produtor e diretor de programas de notícias, documentários e reportagens. Fonte: <http://www.historiadocinemabrasileiro.com.br/chaim-litewski/>. Acesso em 22 de fevereiro de 2016.

juízos, o que não ocorreu no Brasil<sup>8</sup>. Ganhador do festival de documentários *É Tudo Verdade*, em 2009, *Cidadão Boilesen* faz um panorama sobre a vida de Henning Albert Boilesen e seu envolvimento com a ditadura militar, ao lado de outras figuras do empresariado brasileiro que ajudaram a financiar a repressão contra os militantes e revolucionários de esquerda.

O documentário traz entrevistas de ex-militantes da esquerda, ex-militares e agentes da repressão, historiadores, jornalistas, entre outros personagens. O filho de Boilesen, Henning Albert Boilesen Jr. aparece dando suas impressões e versões dos fatos. Carlos Eugênio da Paz, responsável pelo tiro de misericórdia que matou Boilesen, em 1971, também tem o seu momento de fala. Litewski transformou 200 horas de material bruto, em cerca de 90 minutos de filme. O diretor teve ajuda do montador Pedro Asberg. O processo de produção demorou 15 anos ao todo, entre entrevistas, pesquisas e montagem.

## **2 Repressão instrumentalizada**

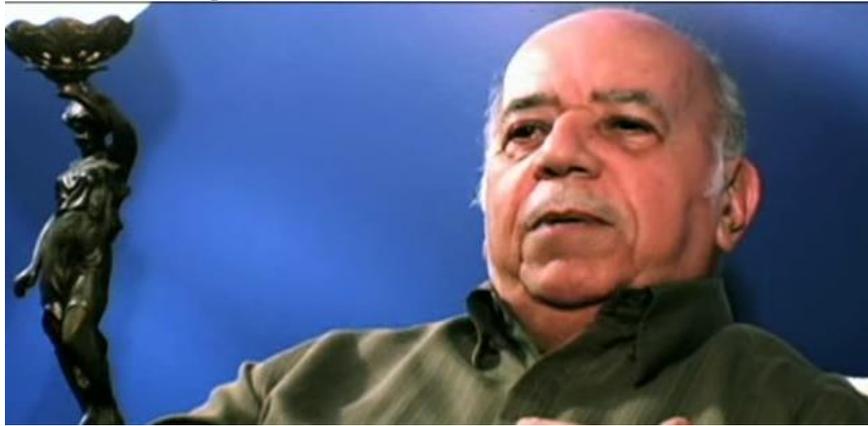
Empresas privadas se sentiam ameaçadas pelo governo do último presidente civil antes do golpe, João Goulart, e a suposta implantação do comunismo ou com a “cubanização do Brasil”, como é dito no documentário pelo coronel Tarcísio Nunes Ferreira. Este medo das empresas e da sociedade civil de uma possível mudança no sistema, somado a um desejo de reestabelecimento da ordem, contribuíram para o golpe de 1964 e o início da ditadura militar no Brasil. Paulo Bonchristiano, ex-delegado do Dops/SP7, afirma, em sua entrevista à equipe do filme, que “alguns [empresários] entraram firme na situação, como foi o caso do Boilesen”.

Com a implantação do Ato Institucional Número Cinco (AI-5), em 1968, a resistência pacífica da esquerda política brasileira à ditadura caiu na clandestinidade. Deu-se início à formação das guerrilhas urbanas, da luta armada, dos assaltos, dos assassinatos e dos sequestros. A classe empresarial e financeira entrou em pânico.

---

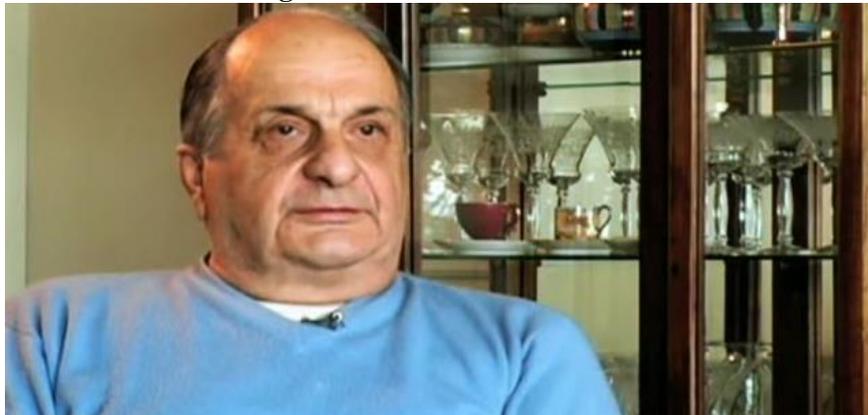
<sup>8</sup> Diretor de "Cidadão Boilesen" quer reacender discussão sobre tortura na ditadura. Fonte: <http://cinema.uol.com.br/ultnot/2009/11/25/ult4332u1381.jhtm>. Acesso em 21 de fevereiro de 2016.

**Figura 2** – Coronel Tarcísio Nunes Ferreira



**Fonte:** Cidadão Boilesen (2009)

**Figura 3** – Paulo Bonchristiano



**Fonte:** Cidadão Boilesen (2009)

Sob a justificativa de salvaguardar a democracia, a Operação Bandeirante (OBAN), projeto que resultou na criação do Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), foi criada. Formada pelas Forças Armadas, Polícia Federal, Polícias Civil e Militar de São Paulo, a operação iria fazer uma limpeza, ao cercear militantes de esquerda e eliminar marginais. Um dos chefes da OBAN era Sérgio Paranhos Fleury, amigo de Henning Albert Boilesen, como conta-se no documentário. Neste contexto, civis importantes serviram de ponte para a arrecadação de dinheiro para financiar a luta contra a subversão.

O apoio político era selado com dinheiro. Além do Grupo Ultra, estima-se que mais de 80 empresas colaboraram com a ditadura<sup>9</sup>. Segundo o documentário *Cidadão Boilesen*, Henning Albert Boilesen ajudou a financiar a OBAN quando era presidente da Ultragas, do Grupo Ultra, onde entrou em 1952.

<sup>9</sup> Mais de 80 empresas colaboraram com a ditadura militar no Brasil. Fonte: [http://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/08/politica/1410204895\\_124898.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/08/politica/1410204895_124898.html). Acesso em 22 de fevereiro de 2016.

**Figura 4** – Cargos ocupados por Henning Boilesen no Brasil

<u>CARGOS OU FUNÇÕES OCUPADAS</u>	
1942/1950	<u>Chefe de Contabilidade - Firestone do Brasil</u>
1951/1952	<u>Diretor-Administração e Vendas - Fábrica Dantop</u>
1952 até o presente	<u>Companhia Ultraqaz S.A., seguintes cargos:-</u>
1952	- Assistente da Presidência
1953	- Diretor
1954	- Diretor Controlador Geral
1955	- Diretor Geral de Vendas - <u>Ultralar</u>
1959	- Vice-Presidente Administrativo - <u>Serma</u>
1962	- Vice-Presidente Operações - <u>Ultraqaz</u>
1967	- Presidente - <u>Ultraqaz</u>

**Fonte:** Cidadão Boilesen (2009)

### 3 Quando a memória sai do subterrâneo

O documentário *Cidadão Boilesen* (2009) contribui para explorar memórias antes encobertas pelo silêncio e pelo monopólio de um grupo – formado por militares e empresários – interessado em perpetuar suas versões dos fatos e em manter seus interesses políticos e econômicos. Segundo Pollak (1989), as memórias subterrâneas agem em silêncio e se manifestam em momentos específicos que permitem sua emersão, como os momentos de crise. É por meio da história oral que a memória pertencente aos excluídos, aos marginalizados e às minorias faz oposição à memória oficial – nacional.

A história, perpetuada pelas lutas dos movimentos sociais, questionam e colocam em cheque a memória coletiva. Como aponta Jacques Le Goff (2003), os grupos que dominam as sociedades históricas têm a preocupação em tornar-se senhores da memória. “Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva (p. 422).”

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (...) A memória, na qual cresce a história, que por sua vez alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (LE GOFF, 2003, p. 470 - 471)

A memória se manifesta em *Cidadão Boilesen*, sobretudo, por meio de depoimentos. O Coronel Erasmo Dias, militar reformado, afirma conhecer nomes de mais

empresários envolvidos, mas não revela quais. Para ele, era natural que civis com os mesmos ideais colaborassem com os militares. Dois civis recusaram participar deste esquema: Antônio Ermírio de Moraes (Grupo Votorantim) e José Mindlin (Metal Leve). Mindlin aparece no documentário e confirma que foi contatado por Henning Albert Boilesen, mas não quis se envolver.

**Figura 5 – José Mindlin (Metal Leve)**



**Fonte:** Cidadão Boilesen (2009)

A OBAN trouxe o método científico e a sistematização das torturas, contando até com enfermeiros. Os torturadores exerciam suas funções até certo limite, já que a intenção era não deixar a vítima inconsciente, mas sim fazê-la revelar informações. Relatórios de militantes presos – integrantes do Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT) e da Ação Libertadora Nacional (ALN) - relatavam que nos cercos era comum ter um caminhão da Ultragaz por perto, estacionado.

O presidente da Ultragaz era tido como o líder a nível local, em São Paulo. Além de apoiar financeiramente o golpe e as atividades de repressão, Henning Albert Boilesen participava de sessões de interrogatório e tortura, na sede da OBAN. Jacob Gorender, ex-dirigente do PCB (Partido Comunista Brasileiro) conta em *Cidadão Boilesen* que “ele [Boilesen], pessoalmente, frequentava a Operação Bandeirante, ia ver os presos e assistia às sessões de tortura”.

O documentário revela um lado agressivo no perfil de Henning Albert Boilesen. Era comum ele ser detido por brigas e confusões quando assistia jogos de futebol nos estádios. Informações sobre sua infância são trazidas à tona. Seu registro escolar conta sobre um dia em que ele se divertiu assistindo seus colegas de sala sendo punidos. Segundo o depoimento de ex-presos, Boilesen era sádico e participava das sessões de tortura. Sobreviventes contam que viam um homem com o perfil de Boilesen presente durante os

atos. O empresário é tido como o responsável por importar um instrumento de tortura para o país, a Pianola Boilesen. As visitas constantes de Boilesen à sede da OBAN fizeram com que os militantes do MRT e da ALN decidissem fazer justiça. O ex-militante da ALN, Carlos Eugênio da Paz, conta em *Cidadão Boilesen* como foi o processo:

Houve não apenas um acordo completo dentro da nossa organização, como dentro do MRT, porque os companheiros de lá também nos disseram que era unânime, dentro da organização, que ele era uma pessoa que podia e que devia ser justificada em represália. Quer dizer, estava na hora deles começarem a pagar também. Não apenas o soldadinho que chegava na hora do combate com a gente; um cara lá, um pmzinho daqueles que chegavam num combate, levava três tiros e morria, enquanto os grandões, os figurões continuavam frequentando os salões, continuavam aparecendo nas colunas sociais e matando nossos companheiros daquela forma como estavam matando. (2009, 8 min.)

**Figura 6** – Carlos Eugênio da Paz



**Fonte:** Cidadão Boilesen (2009)

#### 4 Recordar o passado

Após o fim da ditadura, a sociedade brasileira foi condenada ao silêncio. Armando Falcão, Ministro da Justiça durante o governo do General Ernesto Geisel (1974-1979), proferiu o bordão: “Nada a declarar.”<sup>10</sup> ROLLEMBERG (2006) relembra a ordem do general João Figueiredo: “Que me esqueçam!” (p. 82). O silêncio faz com que a população se torne cúmplice de crimes que não cometeu:

A volta ao passado, a construção do passado, tem que lhe dar sentido, justificar os mortos, os que estiveram na cadeia por longos anos, no exílio. Derrotas e dores só são suportadas diante de um sentido. (...) O esquecimento era essencial no processo de abertura. Mas não somente para os militares. A sociedade queria esquecer. A negação da história, do conhecimento do passado no presente. A cumplicidade, a omissão, os

<sup>10</sup> Morre no Rio o ex-ministro da Justiça Armando Falcão. Fonte: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,morre-no-rio-o-ex-ministro-da-justica-armando-falcao,510011>. Acesso em 22 de fevereiro de 2016.

compromissos, a colaboração, o apoio. As esquerdas não tinham olhos pra ver isso. Nos anos pós-1979, lembrar para esquecer, olhar sem ver. (...) O conhecimento da tortura era de poucos, sobretudo daqueles que a viveram, de suas famílias e de seus amigos. Os demais não sabiam. Sabiam sobre – e viviam – o fechamento do congresso nacional, a violação da constituição, os atos institucionais, as cassações etc., mas não sabiam da tortura, dos assassinatos. Diante da barbárie – ou quando a barbárie é a disponibilidade de convivência com a barbárie –, recorre-se à inocência. (ROLLEMBERG, 2006, p. 85 – 89)

Para Tzvetan Todorov (2002), o principal acontecimento do século XX foi o aparecimento dos regimes totalitários, “cujas sequelas continuam presentes entre nós (p. 10)”. O autor questiona: “será a memória sempre e necessariamente, uma boa coisa, e o esquecimento, uma maldição absoluta? O passado permite compreender melhor o presente, ou, na maioria das vezes, serve para ocultá-lo? (p. 12)” As indagações dialogam com *Cidadão Boilesen*, já que é possível responder estas questões a partir do documentário. Neste caso, a memória aparece como uma “coisa boa”, pois é por meio dela que as lembranças silenciadas sobrevivem no subterrâneo até o dia em que podem ser ouvidas. Com a emersão destas memórias podemos “compreender melhor o presente” e buscar a justiça necessária às vítimas de perseguições e torturas.

O autor aponta a necessidade da recordação do passado para afirmar a identidade individual e coletiva. Como mostra *Cidadão Boilesen* e as memórias subterrâneas que ele evoca:

Os regimes totalitários do século XX revelaram a existência de um perigo antes insuspeito: a supressão da memória. (...) As tiranias do século XX sistematizaram a apropriação da memória e aspiraram controlá-la de seus lugares mais escondidos. Essas tentativas fracassaram em algumas ocasiões, mas é verdade que, em outros casos (que por definição somos incapazes de listar), os vestígios do passado foram eliminados com êxito (TODOROV, 2002, p. 11).

O documentário *Cidadão Boilesen*, ao mesmo tempo em que apresenta fontes que contam a história oficial, faz com que os marginais de outrora tenham voz. De acordo com Pollak (1989), a história oral ressalta a importância de memórias subterrâneas – aquelas que resistem ao tempo em silêncio –, ao privilegiar as minorias, “que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas se opõem à ‘memória oficial’, no caso a memória nacional (p. 4)”. A obra de Litewski é um exemplo das memórias que sobrevivem e das lembranças que esperam o momento adequado para aparecer, depois de anos resguardadas em silêncio e transmitidas oralmente:

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas. (POLLAK, 1989, p. 4)

A separação entre a memória coletiva subterrânea dos ex-militantes de esquerda e a memória coletiva organizada fica evidente quando se contrapõe os relatos com caráter oficial – militares, amigos e familiares de Boilesen – com os relatos dos ex-militantes, presentes no documentário. É por meio da montagem, depoimentos e exposição de imagens que o diretor recria o real no filme documentário *Cidadão Boilesen*.

Segundo Azevedo (2013) o ato de se posicionar frente a uma câmera, faz com que o entrevistado ficcionalize a si mesmo em sua fala. “O processo de fabulação pressupõe também a criação de um enredo no relato de cada pessoa entrevistada, pois na medida em que narra, elementos imaginários são acrescentados para enriquecer a narrativa (p. 233)”. *Cidadão Boilesen* torna-se um instrumento para os rearranjos da memória coletiva sobre o período ditatorial brasileiro. O processo de montagem de um documentário, considerando a articulação audiovisual, pode determinar aspectos implícitos.

Apesar das limitações técnicas para captar e transmitir lembranças, o filme documentário desempenha um papel satisfatório ao reorganizar e enquadrar as memórias. Em *Cidadão Boilesen*, escritores, jornalistas e documentos chancelam os depoimentos dos ex-militantes de esquerda e dos torturados. A preocupação em legitimar essas falas reside na possibilidade da memória subterrânea não permanecer intacta até o momento de sua emersão:

(...) O problema que se coloca a longo prazo para as memórias clandestinas e inaudíveis é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do “não-dito” à contestação e à reivindicação; o problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também de sua organização. Para que emergja nos discursos políticos um fundo comum de referências que possam constituir uma memória nacional, um intenso trabalho de organização é indispensável para superar a simples “montagem” ideológica, por definição precária e frágil. (POLLAK, 1989, p. 9)

As memórias subterrâneas e clandestinas da época do regime ditatorial brasileiro são exemplos de memórias que emergem para se contrapor às memórias oficiais. A redemocratização do Brasil, a realização de pesquisas e a produção de filmes, como *Cidadão Boilesen*, permitem que as memórias subterrâneas venham à tona. Andreas

Huyssen (2000) estuda os efeitos da mídia sobre a memória. Segundo o autor, uma cultura da memória nasceu com a queda do muro de Berlim, com o fim das ditaduras latino-americanas e com o fim do apartheid na África do Sul. Ele defende que vivemos envoltos por uma explosão da informação e da comercialização da memória.

O caráter transitório e a possibilidade do esquecimento são características humanas e sociais da memória. A memória pública é volúvel, muda de acordo com a política, de geração para geração e está submetida às transformações individuais de pensamento. Monumentos e sistemas de rastreamento digital não garantem a coerência e a continuidade da memória.

O perigo do esquecimento se torna inerente às sociedades. Por isso, estratégias de sobrevivência de rememoração pública e privada podem ser transitórias e incompletas (HUYSSSEN, 2000). No caso de *Cidadão Boilesen*, uma memória relegada ganha seu espaço. O que antes estava fadado ao esquecimento e supressão pela memória oficial, agora, pode ser ouvido e registrado.

### **Considerações finais**

Na Zona Oeste da cidade de São Paulo, há uma rua chamada Henning Boilesen. Uma homenagem à figura do administrador de empresas. Como o documentário *Cidadão Boilesen* mostra, seus moradores pouco sabem, ou nada sabem, sobre quem foi este homem. A obra analisada neste trabalho tem sua importância por trazer a reflexão sobre os meandros da história do Brasil.

A memória e a história estão em constante disputa, principalmente nos casos que envolviam governos totalitários, quando as memórias eram violadas e produzidas, como no caso da ditadura militar no Brasil. O cinema pode ser um instrumento na disputa pela memória, como observado no documentário *Cidadão Boilesen*. No filme, de Chaim Litewski, memórias subterrâneas e clandestinas ganham espaço e força.

*Cidadão Boilesen* corrobora com os trabalhos da CNV ao evidenciar a ligação entre empresários e militares durante a ditadura. Documentos, imagens, depoimentos e uma trilha sonora irônica provocam a reflexão. O diretor não defende um dos lados, mas fica nítido nas entrelinhas qual o seu ponto de vista.

Que as memórias, antes silenciadas, deixem o subterrâneo e a clandestinidade, para fazer justiça aos mortos e torturados. Que a reflexão faça a sociedade defender quem luta por ela de verdade, e não quem diz lutar. Que os nomes de ruas, escolas

e monumentos não sejam dados a criminosos, falsos heróis, mas sim aos cidadãos que agem em prol dos direitos humanos e do desenvolvimento responsável de uma nação<sup>11</sup>.

### Referências Bibliográficas

HUYSSSEN, Andreas. **Mídia e discursos da memória**. IN: Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo. Volume XXVII, número 01, janeiro/ junho de 2004.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano editora, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, v. 2, n. 3, 1989.

ROLLEMBERG, Denise. **Esquecimento das memórias**. In: FILHO, João Roberto Martins (org.). O golpe de 1964 e o regime militar: novas perspectivas. São Carlos: EdUFSCar, 2006.

TODOROV, T. **Memória do mal, tentação do bem. Indagações sobre o século XX**. Tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo. São Paulo: Editora ARX, 2002.

### Filmes

LITEWSKY, Chaim. **Cidadão Boilesen**, longa metragem, 92 minutos. Produção: Chaim Litewsky e Palmares Produções e Jornalismo. Rio de Janeiro, 2009.

---

<sup>11</sup> SP quer mudar nomes da ditadura militar em ruas da cidade; veja lista. Fonte: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/08/ruas-de-sp-com-nomes-da-ditadura-militar-serao-reomeadas-veja-lista.html>. Acesso em 22 de fevereiro de 2016.